



EDITORIAL

A Escola Austríaca de Economia na Vanguarda

*Ubiratan Jorge Iorio**

O Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) é uma associação sem fins lucrativos, voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os ensinamentos da Escola Austríaca. Dentre os objetivos da instituição se destacam a pesquisa e ensino dos princípios da economia de mercado e das sociedades livres na perspectiva da Escola Austríaca, desenvolvendo ações para restaurar o crucial papel dessa teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo, defendendo, no âmbito do debate estritamente acadêmico, a economia de mercado, a propriedade privada e a paz nas relações interpessoais.

MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia é uma publicação científica interdisciplinar do Instituto Ludwig von Mises Brasil, estritamente acadêmica e com periodicidade semestral, que tem o objetivo de divulgar e debater a tradição da Escola Austríaca de Economia que, dentro do pensamento econômico atual, certamente, é a que mais vem crescendo, se multiplicando e se revigorando, especialmente a partir das últimas três décadas. Mesmo tendo raízes bem antigas e tendo influenciado outras escolas consideradas como pertencentes à *mainstream economics*, a moderna Escola Austríaca está seguramente começando a ocupar a vanguarda em muitos países.

* Economista graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em Economia pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (EPGE-FGV); Professor Associado e ex-Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Presidente Executivo e CEO do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP), Diretor Acadêmico do Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) e autor, entre outros, do primeiro livro sobre a Escola Austríaca publicado no Brasil (*Economia e Liberdade: a Escola Austríaca e a Economia Brasileira*, Forense, Rio de Janeiro, 1997) e *Ação, Tempo e Conhecimento: a Escola Austríaca de Economia* (Instituto Mises Brasil, São Paulo, 2011) e *Dez Lições Fundamentais de Economia Austríaca* (Instituto Mises Brasil, São Paulo, 2013).

E-mail: ubiratan@mises.org.br

As questões econômicas têm despertado interesse de grandes pensadores desde a Grécia antiga. E hoje o pensamento econômico está dividido em várias escolas de pensamento: os *keynesianos*, os *pós-keynesianos*, os *novos keynesianos*, os *clássicos*, os *novos clássicos* (Escola das Expectativas Racionais), os *monetaristas*, os *public choicers* (Escola da Escolha Pública) de Chicago, os *public choicers* da Virgínia, os *experimentalistas*, os adeptos da Teoria dos Jogos, os ramos variáveis da *supply side economics* (Economia do Lado da Oferta), e vários outros.

Também fazendo parte desse conjunto, mas, em vários aspectos, separada dele, está a Escola Austríaca. Não é um campo dentro da economia, mas uma maneira alternativa de se olhar toda a ciência. Enquanto outras escolas confiam plenamente em modelagens matemáticas idealizadas da economia e sugerem maneiras pelas quais o governo pode ajustar o mundo, a teoria austríaca é mais realista e, portanto, mais socialmente científica. Com efeito, os austríacos vêem a economia como uma ferramenta para entender como as pessoas, simultaneamente, cooperam e competem no processo de descobrir as demandas, alocar os recursos e descobrir maneiras de construir uma ordem social próspera. Os austríacos vêem o empreendedorismo como uma força crucial para o desenvolvimento econômico, a propriedade privada como um meio essencial para o uso eficiente dos recursos, e a intervenção governamental no mercado como algo ineficiente.

Segundo alguns economistas austríacos, a Escola remonta aos chamados escolásticos tardios dos séculos XVI e XVII, notadamente Martín de Azpilcueta Navarro (1493-1586), Domingo de Soto (1495-1560), Tomás de Mercado (1525-1575), Juan de Mariana (1536-1624) e outros expoentes da Escola de Salamanca¹.

¹ Sobre a temática ver, particularmente, os seguintes livros: GRICE-HUTCHINSON, Marjorie. **The School of Salamanca: Readings in the Spanish Monetary Theory, 1544-1605**. Oxford: Clarendon Press, 1952; CHAFUEN, Alejandro A. **Faith and Liberty: The Economic Thought of the Late Scholastics**. Pref. James V. Schall.

Outros pré-austríacos foram Bernard Mandeville (1670-1733), Richard Cantillon (1680-1734), David Hume (1711-1776), Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781), Henry Thornton (1760-1815), Jean Baptiste Say (1767-1832), Frédéric Bastiat (1801-1850) e Hermann Heinrich Gossen (1810-1858)², além de no Brasil podemos citar José da Silva Lisboa (1756-1835), o Visconde de Cairu. No entanto, é Carl Menger (1840-1921) que é considerado o fundador da Escola Austríaca, com a publicação, em 1871, de sua obra *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* [Princípios de Economia Política]³. Outros renomados pensadores das primeiras gerações de economistas austríacos foram Eugen von Böhm-Bawerk (1851-1914), Friedrich von Wieser (1851-1926), Emil Sax (1845-1927), Ludwig von Mises (1881-1973), Friedrich August von Hayek (1899-1992), Henry Hazlitt (1894-1963), Leonard Read (1898-1983), Oskar Morgenstern (1902-1977), Gottfried Haberler (1900-1995), Fritz Machlup (1902-1983), Ludwig Lachmann (1906-1990), George L. S. Shackle (1903-1992), Murray N. Rothbard (1926-1995) e Hans F. Sennholz (1922-2007), que deram importantes contribuições teóricas em diferentes áreas do conhecimento⁴.

Lanham: Lexington, 2003; ALVES, André Azevedo & MOREIRA, José Manuel. **The Salamanca School**. New York: Continuum, 2010.

² Uma visão ampla da história do pensamento econômico, numa perspectiva austríaca, é apresentada em: ROTHBARD, Murray N. **An Austrian Perspective on the History of Economic Thought – Volume I: Economic Thought Before Adam Smith**. Hants: Edward Elgar Publishing, 1995; Idem. **An Austrian Perspective on the History of Economic Thought – Volume II: Classical Economics**. Hants: Edward Elgar Publishing, 1995. Ver, também: HAYEK, F. A. **The Collected Works of F. A. Hayek: Volume 3 – The Trend of Economic Thinking: Essays on Political Economists and Economic History**. Ed. W. W. Bartley III e Stephen Kresge. Chicago: University Of Chicago Press, 1991.

³ MENGER, Carl. **Princípios de Economia Política**. Intr. F. A. Hayek, trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 3ª ed., 1988.

⁴ Em língua portuguesa, uma descrição sintética das características gerais específicas do pensamento econômico austríaco de Menger, Böhm-Bawerk, Mises e

Seguindo esses autores considerados históricos, existe uma leva de novos austríacos, dentre os quais podemos destacar Israel Kirzner⁵, que estudou profundamente o mercado como um processo dinâmico e o papel da atividade empresarial; Roger Garrison⁶, que vem contribuindo com bastante originalidade para o estudo comparativo da Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos com as visões macroeconômicas da *mainstream economics*; Mario Rizzo e Gerald O'Driscoll⁷, que aprofundaram a tradição subjetivista característica dos austríacos, especialmente Mises e Lachmann; Hans-Hermann Hoppe, um discípulo de Rothbard que desenvolveu uma justificativa apriorística do direito de propriedade e do mercado livre a partir de uma concepção filosófica derivada de Jürgen Habermas⁸; Jörg

Guido Hülsmann, que tem como campos de interesse a história do pensamento econômico, a teoria monetária e a relação entre economia e religião, tendo publicado diversas obras importantes, como a monumental biografia intelectual *Mises: The Last Knight of Liberalism* [Mises: O Último Cavaleiro do Liberalismo]⁹, de 2007, e o livro *Logik der Währungskonkurrenz*¹⁰ [Lógica da Concorrência Monetária], de 1996, em que desenvolve tese oposta à de F. A. Hayek¹¹, argumentando a favor da inviabilidade da existência de concorrência entre moedas estatais e não estatais.

Os trabalhos seminais desses autores serviram como importante ligação entre as gerações de Mises e Hayek e os austríacos que hoje trabalham para expandir a tradição. De fato, sem a disposição daqueles economistas para desafiar as tendências intelectuais de sua época, provavelmente o progresso da tradição da Escola Austríaca teria sido paralisado. Além disso, a vasta e profunda erudição de Mises, sua personalidade alegre, conhecimento enciclopédico, e perspectiva otimista inspiraram inúmeros alunos a voltarem suas atenções para a causa da liberdade.

Dentre os inúmeros economistas, cientistas sociais e filósofos atuais que seguem a tradição iniciada por Carl Menger, destacam-se diversos autores na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, na Turquia e na Austrália, dentre os quais citamos André Aze-

Hayek é descrita no seguinte livro: HUERTA DE SOTO, Jesús. **A Escola Austríaca**. Trad. André Azevedo Alves. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. Para um estudo mais abrangente, ver: SCHULAK, Eugen Maria & UNTERKÖFLER, Herbert. **The Austrian School of Economics: A History of Its Ideas, Ambassadors, and Institutions**. Trad. Arlene Oost-Zinner. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2011.

⁵ A obra mais conhecida do Professor Israel M. Kirzner é *Competition and Entrepreneurship* (Chicago: University of Chicago Press, 1973), mas também são bastante conhecidos entre os austríacos seus livros *Market Theory and the Price System* (Princeton: Van Nostrand, 1963), *The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought* (Kansas City: Sheed and Ward, 1976), *Discovery, Capitalism and Distributive Justice* (New York: Basil Blackwell, 1989) e *The Meaning of Market Process* (London: Routledge, 1992). O ilustre economista, também, é autor de um livro sobre a vida e o pensamento econômico de Mises, a saber: KIRZNER, Israel M. **Ludwig von Mises: The Man and His Economics**. Wilmington: ISI Books, 2001. Em língua portuguesa foi publicada a seguinte obra: KIRZNER, Israel M. **Competição e atividade empresarial**. Trad. Ana Maria Sarda. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2ª Ed., 2012.

⁶ GARRISON, Roger. **Time and Money: The Macroeconomics of Capital Structure**. London: Routledge, 2001.

⁷ O'DRISCOLL, Gerald & RIZZO, Mario. **The Economics of Time and Ignorance**. New York: Routledge, 1996.

⁸ HOPPE, Hans-Hermann. **A Theory of Socialism and Capitalism**. Amsterdam: Kluwer Academic Publishers,

1989. Em língua portuguesa o livro está disponível na seguinte edição: HOPPE, Hans-Hermann. **Uma Teoria sobre Socialismo e Capitalismo**. Trad. Klaubber Kleber Pires. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

⁹ HÜLSMANN, Jörg Guido. **Mises: The Last Knight of Liberalism**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007.

¹⁰ Idem. **Logik der Währungskonkurrenz: Ein Versuch auf der Grundlage einer Kantischen Interpretation von Unsicherheit und Institutionen**. Essen: Akad, 1996.

¹¹ HAYEK, F. A. **Desestatização do Dinheiro: Uma Análise da Teoria e Prática das Moedas Simultâneas**. Trad. Heloísa Gonçalves Barbosa. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2ª Ed., 2011.

vedo Alves, Dario Antiseri, Philipp Bagus, Peter Boettke, Walter Block, Gabriel Calzada, Thomas Di Lorenzo, Richard Ebeling, Flavio Felice, Jaques Garello, Robert Higgs, Steven Horwitz, Jesús Huerta de Soto, Lorenzo Infantino, José Manuel Moreira, Robert Murphy, Ivan Pongracic Jr., Llewellyn Rockwell Jr., Joseph Salerno, Pascal Salin, Eugen Maria Schulak, Herbert Unterköfler, Harry C. Verser, Gabriel Zanotti e tantos outros¹².

No Brasil, o meio acadêmico conta atualmente com cinco professores austríacos: o autor deste editorial, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE-UERJ); o Professor Dr. Antony Mueller, no Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe (DEE-UFS); o Professor Dr. Fabio Barbieri, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP); o Professor Dr. Moacir José da Silva no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM); e Professor Dr. Adriano Gianturco Gulisano no Departamento de Relações Internacionais do Ibmec de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Contudo, há um crescente número de estudantes brasileiros de graduação, mestrado e doutorado, de diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo pesquisas no Brasil e no exterior sobre a Escola Austríaca.

Há que se ressaltar, também, a importância dos trabalhos pioneiros de Eugênio Gudín (1886-1986), de Donald Stewart Jr. (1931-1999), de Og Francisco Leme (1922-2004), de Roberto Campos (1917-2001), de Henry Maksoud e de José Osvaldo de Meira Penna na divulgação da Escola Austríaca no Brasil. O Instituto Liberal do Rio de Janeiro

¹² Para uma descrição extensa dos professores e pesquisadores contemporâneos ligados à Escola Austríaca, bem como as instituições de ensino superior ao redor do mundo que ensinam o pensamento austríaco, ver: SCHULAK, Eugen Maria & UNTERKÖFLER, Herbert. The Renaissance of the old 'Viennese' School: The New Austrian School of Economics In: **The Austrian School of Economics: A History of its Ideas, Ambassadors, and Institutions**. p. 167-76.

(IL-RJ), fundado na década de 1980 por Donald Stewart Jr., publicou diversos livros de autores da Escola Austríaca, dentre eles a primeira edição em português de *Ação Humana*, de Ludwig von Mises, com tradução do próprio Stewart.

Diversos livros de autores da Escola Austríaca foram publicados no passado pelo IL-RJ e atualmente são reeditados pelo IMB, que tem lançado, também, novos títulos. Autores brasileiros escreveram sobre a temática as seguintes obras: *Economia e Liberdade: A Escola Austríaca e a Economia Brasileira*¹³ (o primeiro livro de autor brasileiro sobre a temática), *Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia*¹⁴ e *Dez Lições Fundamentais de Economia Austríaca*¹⁵, de Ubiratan Jorge Iorio; *Economia e Filosofia na Escola Austríaca: Menger, Mises e Hayek*¹⁶, de Ricardo Feijó; *Economia do Indivíduo: O Legado da Escola Austríaca*¹⁷, de Rodrigo Constantino; *O Poder das Ideias: A Vida, a Obra e as Lições de Ludwig von Mises*¹⁸, de Helio Beltrão, Rodrigo Constantino e Wagner Lenhart e *História do Debate do Cálculo Econômico Socialista*¹⁹ de Fabio Barbieri.

¹³ IORIO, Ubiratan. **Economia e Liberdade: A Escola Austríaca e a Economia Brasileira**. Pref. Roberto de Oliveira Campos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª Ed. rev., 1997.

¹⁴ Idem. **Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2011.

¹⁵ Idem. **Dez Lições Fundamentais de Economia Austríaca**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013.

¹⁶ FEIJÓ, Ricardo. **Economia e Filosofia na Escola Austríaca: Menger, Mises e Hayek**. São Paulo: Nobel, 2000.

¹⁷ CONSTANTINO, Rodrigo. **Economia do Indivíduo: O Legado da Escola Austríaca**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

¹⁸ BELTRÃO, Helio; CONSTANTINO, Rodrigo & LENHART, Wagner. **O Poder das Ideias: A Vida, a Obra e as Lições de Ludwig von Mises**. Porto Alegre: IEE, 2010.

¹⁹ BARBIERI, Fabio. **História do Debate do Cálculo Econômico Socialista**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013.

Mas a Escola Austríaca é ainda praticamente desconhecida na maioria das instituições de ensino brasileiras. Nesse sentido, a principal missão do periódico *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia* será introduzir no debate acadêmico, em linguagem apropriada, as importantes reflexões desses autores. A revista, também, pretende garantir que seja publicada a produção intelectual de professores e pesquisadores brasileiros estudiosos da Escola Austríaca. Contudo, o periódico não assumirá uma posição apologética, contrária ao verdadeiro diálogo acadêmico, publicando apenas textos divulgando e defendendo as ideias desses autores, visto que estaremos abertos para receber e publicar artigos científicos criticando o pensamento austríaco, possibilitando o início de um verdadeiro debate intelectual.

A tradição iniciada por Carl Menger com a publicação, em 1871, de *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* [Princípios de Economia Política], é um vasto campo do conhecimento humano, que transcende a economia para abastecer-se sistematicamente no âmbito mais abrangente das ciências sociais, nutrir-se continuamente com a discussão filosófica e impregnar-se permanentemente da boa cultura humanista. Não foi por acaso que Friedrich August von Hayek, laureado com o Nobel de Economia em 1974²⁰, em seu discurso na Academia Sueca, afirmou que um economista que só enxerga dentro dos limites estritos da teoria econômica, por mais apurados que sejam seus conhecimentos técnicos, nunca será um economista completo²¹. Para a

tradição *austríaca* não basta que ele domine o estado das artes em sua ciência: é preciso ir muito mais além, é preciso ser, mais do que qualquer outra coisa, um humanista. No entanto, mesmo em se tratando de um campo muito abrangente do conhecimento humano, a Escola Austríaca guarda uma simplicidade que chega a impressionar, que se explica pela lógica irrepreensível de suas proposições e postulados. Como escreveu Ludwig von Mises, considerado por muitos como o maior expoente da escola, “*good economics is basic economics*”²²!

Como decorrência da crise que vem abalando as economias de muitos países nos últimos anos, está ocorrendo, como mencionamos, um renascimento no interesse pelo estudo da Escola Austríaca, uma vez que as explicações que a chamada *mainstream economics* apresentam sobre os problemas que as economias vêm enfrentando e, principalmente, a aplicação dessas tentativas de explicações em termos de políticas econômicas, não têm obtido sucesso. A teoria econômica convencional, que vem sendo ensinada sistematicamente desde os anos trinta do século XX, está sendo seriamente questionada e posta em xeque, dada sua incapacidade de apresentar soluções satisfatórias para os recentes acontecimentos que vêm perturbando a economia do mundo real²³.

A Escola Austríaca está em grande ascensão atualmente. Na academia, isso se deve a uma forte reação contrária à matematização, ao ressurgimento da lógica verbal como ferramenta metodológica, e à procura de uma tradição teórica estável no emaranhando de conflitos em que se transformou a teoria macroeconômica. Em termos de política, a Escola Austríaca fica cada vez mais atraente, dado o mistério contínuo dos ciclos econômicos, o

²⁰ No ano de 1974, o prêmio Nobel de Economia, estabelecido em 1969, foi concedido tanto ao economista socialista sueco Gunnar Myrdal (1898-1987) quanto para F. A. Hayek “por seu trabalho pioneiro na teoria da moeda e flutuações econômicas e pela sua análise penetrante da interdependência dos fenômenos econômicos, sociais e institucionais”. Ver: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economics/laureates/1974/

²¹ HAYEK, F. A. **The Pretence of Knowledge**. Lecture to the memory of Alfred Nobel, December 11, 1974. In: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economics/laureates/1974/hayek-lecture.html

²² IORIO. **Ação, Tempo e Conhecimento**. p. 20.

²³ Nesse particular, ver o seguinte livro: VERYSER, Harry C. **It Didn't Have to Be This Way: Why Boom and Bust Is Unnecessary and How the Austrian School of Economics Breaks the Cycle**. Wilmington: ISI Books, 2013.

colapso do socialismo, o custo e o fracasso do estado de bem estar social regulador, e a frustração do público com o Estado gigantesco, mas que pouco oferece em troca aos cidadãos que o mantêm por meio de tributos cada vez mais altos.

O sucesso do Ludwig von Mises Institute, o primeiro a ser fundado, em 1982, em Auburn, no estado de Alabama, é a evidência desse novo interesse. Nascido com o propósito primário de assegurar que a Escola Austríaca seja uma força de impacto no debate

Ludwig von Mises costumava dizer que ideias são mais poderosas do que exércitos.

econômico, até o momento, já criou e formou centenas de economistas profissionais, fornecendo meios populares e escolares para eles mostrarem seus trabalhos, educou milhares de pós-graduandos na teoria austríaca, distribuiu milhões de publicações, e formou comunidades intelectuais, mais notadamente na Auburn University e na University of Nevada, na cidade de Las Vegas, onde essas ideias vicejam.

Todo ano, no verão, o Mises Institute norte-americano realiza seminários sobre a Escola Austríaca naquilo que se convencionou denominar de *Mises University*, com um corpo docente de mais de vinte e cinco professores e pesquisadores que ministram diversas aulas para um grupo de centenas de alunos da melhor qualidade oriundos de todo o país e do exterior. A instituição, também, organiza conferências acadêmicas sobre assuntos teóricos e históricos, sendo que seus acadêmicos participam frequentemente de grandes en-

contros profissionais. Contudo, não é apenas nos Estados Unidos que a Escola Austríaca vem crescendo de maneira bastante forte.

Ludwig von Mises costumava dizer que ideias são mais poderosas do que exércitos. Oliver Wendell Holmes (1809-1894), médico, professor, palestrante e escritor norte-americano, por sua vez, afirmou enfaticamente que a mente humana, uma vez dilatada por um novo modo de ver o mundo, nunca volta às suas dimensões originais. De fato, ao conhecer uma nova ideia, um homem nunca pode retornar ao que era antes, mesmo que o queira. Um problema aparente é que essas constatações parecem funcionar tanto para as boas quanto para as más ideias. Mas não temos por que desanimar com isso, pelo contrário, temos que buscar sabedoria para agir na certeza de que viver nada mais é do que enfrentar um problema atrás do outro e o que caracteriza os grandes homens, os ativos e os corajosos, o que os diferencia dos pequenos, dos acomodados e dos poltrões, é a maneira como cada um encara o desfile de problemas que margeiam a estrada da vida. Quando as ideias que se defende são certas – não no sentido de infalíveis, mas no de sua capacidade de tornar melhor a vida dos indivíduos respeitando a liberdade de cada um – temos obrigação não apenas de lutar por elas, mas de dilatar o maior número de mentes com essas mesmas ideias. Não é qualquer exagero afirmar que assim agindo estaremos sendo solidários com nossos semelhantes, mesmo que estes, com as mentes ainda desorientadas no momento, não entendam isso.

O sucesso do Instituto Mises Brasil tem sido marcante no campo da divulgação das ideias de liberdade, respeito aos direitos de propriedade e economia de mercado. Em pouquíssimos anos, o crescimento da influência de nosso Instituto na defesa desses ideais de liberdade vem sendo, sem qualquer exagero, espantoso. Como diretor acadêmico do IMB, chego a me surpreender, mesmo com muitos anos atuando como professor universitário, com a quantidade de mensagens que

recebo de estudantes de todo o país, algumas de cidades bem distantes e muitas de jovens que ainda não ingressaram em faculdades, todos pedindo orientação sobre como se aprofundar no estudo dos autores austríacos. O mesmo acontece com meus colegas de diretoria, com os quatro colegas professores de Economia, Fabio Barbieri, Antony Mueller, Adriano Gianturco Gulisano e Moacir José da Silva que citei mais acima, e com o presidente do IMB, Helio Beltrão. É desnecessário enfatizar que isto nos motiva a lutar com vigor cada vez mais forte por aquilo que defendemos.

Nos últimos vinte anos em que tenho lecionado na FCE-UERJ, fui procurado por alunos para orientar mais de duzentas monografias de conclusão de graduação voltadas para temas ligados à Escola Austríaca, o que significa, em média, cinco monografias “austríacas” por semestre letivo. Além disso, têm-se multiplicado por diversos estados brasileiros grupos de estudos que, com a assistência acadêmica do IMB, inicia centenas de jovens no estudo da Escola Austríaca. Em cinco anos de existência o IMB já promoveu três Conferências Internacionais no Brasil e vários de seus membros proferiram palestras no exterior. E em 2011 iniciamos um programa de cursos e palestras *on line*, a Universidade Mises Brasil, que tem obtido grande sucesso. Além disso, temos enviado jovens recém-formados para realizar cursos de extensão, de mestrado e doutorado no exterior, especialmente na Universidade Rey Juan Carlos, em Madri, que tem um programa dirigido pelo economista Jesus Huerta de Soto, um dos austríacos contemporâneos mais conhecidos.

Mas o crescimento da Escola não está restrito aos Estados Unidos e ao Brasil, haja vista a multiplicação que vem ocorrendo de Institutos Mises: além do pioneiro, o Mises Institute, de Auburn, no Alabama, existem hoje similares na Alemanha, Austrália, Canadá, Chile, Equador, Espanha, Finlândia, Itália, Polônia, Portugal, República Tcheca, Romênia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia e Ucrânia, todos atuando de maneira independente,

mas sempre difundindo as teorias austríacas. Quase todos fundados recentemente, o que é ainda mais promissor. E todos, sem exceção, defendendo boas ideias, aquelas que podem ajudar a civilização a ser melhor, a respeitar as liberdades individuais, a fazer cada agente, desde que ele lute por seu ideal individual de vida, a ser mais feliz.

Além do trabalho do Mises Institute, há outras instituições que defendem o pensamento da Escola Austríaca, como é o caso da pioneira Foundation for Economic Education (FEE), criada em 1946 por Leonard Read, bem como o Liberty Fund, o CATO Institute e o Independent Institute nos Estados Unidos; o Hayek Institute, em Viena, na Áustria; a Fondazione Vincenzo Scoppa, em Catanzaro, na Itália; o IL-RJ, o Instituto Liberdade do Rio Grande do Sul (IL-RS), o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), o Ordem Livre e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP), no Brasil; e várias outras nos Estados Unidos, Europa e América Latina. A pesquisa em Escola Austríaca também tem sido desenvolvida em diversos departamentos de Economia em instituições de ensino superior, como é o caso da já citada Universidad Rey Juan Carlos, em Madrid; da New York University (NYU); da George Mason University (GMU), na Virginia; do Grove City College, na Pennsylvania; do Hillsdale College, em Michigan; da Auburn University, no Alabama; da Universidad Francisco Marroquin, na Guatemala, da Fondazione Vincenzo Scoppa, em Catanzaro, na Itália e da ESADE, em Buenos Aires, entre tantas outras. Economistas não austríacos de renome, inclusive alguns contemplados com o prêmio Nobel, foram influenciados por alguns pontos da Escola Austríaca, como Joseph Schumpeter (1883-1950), Lionel Robbins (1898-1984), Maurice Allais (1911-2010), Milton Friedman (1912-2006), James M. Buchanan (1919-2013), Ronald Coase, Arthur Laffer, Vernon L. Smith, Thomas Sowell e Walter Williams.

Assim, a Escola Austríaca, vem se tornando cada vez mais um instrumento in-

terdisciplinar moderno, de vanguarda e de grande importância para analisar os complexos fenômenos do cotidiano dos agentes econômicos, que não são apresentados de forma satisfatória nos livros-texto convencionais.

Os economistas, desde a segunda metade do século XIX, com o abandono da tradição humanista, ao mesmo tempo em que dominavam mais conhecimentos técnicos específicos, foram se tornando cada vez menos cultos, e hoje em dia são raros aqueles realmente eruditos, no sentido de dominarem conhecimentos que ultrapassem os contidos nos manuais de Microeconomia e de Macroeconomia.

Depois desse relato, cabe a pergunta: o que vem a ser afinal a Escola Austríaca?

Sucintamente, a Escola Austríaca tem como fundamentos uma tríade concomitante e complementar, formada pelos conceitos de ação humana e de tempo dinâmico e pela hipótese acerca dos limites ao nosso conhecimento²⁴. Esses três elementos formam o seu núcleo fundamental e se transmitem por meio de seus elementos de propagação para os diversos campos do conhecimento humano. Essa propagação e suas implicações na filosofia política, na epistemologia e na economia serão analisadas nas seções seguintes. Nesta, tratamos da tríade constitutiva do núcleo fundamental.

Esses três elementos são por assim dizer a pedra angular do monumental edifício teórico que constitui a Escola Austríaca de Economia. Por analogia com a biologia, representam os *elementos* essenciais, ou seja, aqueles necessários para o desenvolvimento e a manutenção do organismo, e são a um só tempo os *macronutrientes* ou os *micronutrientes* de todo o sistema. Deles emanam os elementos de propagação e neles se assentam todos os elementos essenciais às deduções lógicas e às propostas de natureza prática.

Ação, para a Escola Austríaca, significa qualquer ato voluntário, qualquer escolha feita deliberadamente com vistas a se passar

²⁴ IORIO. *Ação, Tempo e Conhecimento*. p. 15-35.

•-----•

A Praxeologia (de práxis) é a ciência geral que se dedica ao estudo da ação humana, considerando todas as suas implicações formais.

•-----•

de um estado menos satisfatório para outro, considerado mais satisfatório no momento da escolha²⁵. A *Praxeologia* (de práxis) é a ciência geral que se dedica ao estudo da ação humana, considerando todas as suas implicações formais. Ora, todos os atos econômicos, sem exceção, podem ser reduzidos a escolhas realizadas de acordo com o conceito seminal de ação humana. E a proposição básica, o primeiro axioma da Praxeologia, é que o incentivo para qualquer ação é a insatisfação, uma vez que ninguém age a não ser que sinta alguma insatisfação e avalie que uma determinada ação venha a melhorar seu estado de satisfação, ou seja, aumentar seu conforto, sensação de alegria ou de realização, diminuindo, portanto, seu desconforto, frustração ou insatisfação.

Este axioma é universal: onde quer que existam pessoas existirá ação assim definida. Portanto, a ciência econômica construída com base na Praxeologia é, por corolário, universal. Não há teorias econômicas específicas ou particulares para cada país ou região, mas uma teoria econômica epistemologicamente correta, que é a que se monta peça por peça a partir da observação e do estudo sistemático da ação. Mises

²⁵ MISES, Ludwig von. *Ação Humana: um Tratado de Economia*. Trad. Donald Stewart Jr. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

denominou o conceito de *ação humana* de *axioma praxeológico número um*, no sentido de que a partir dele podem-se deduzir as principais leis comportamentais que regem a economia.

O segundo componente da tríade é a concepção *dinâmica do tempo*, ou *tempo subjetivo*, ou, ainda, *tempo real*, em que o tempo deixa de ser uma categoria estática que possa ser descrita por um simples eixo horizontal, para ser definido como um fluxo permanente de novas experiências, que não está *no tempo*, como na concepção estática ou newtoniana, mas que *é* o próprio o tempo. Quando consideramos o tempo dinâmico, estamos implicitamente aceitando o fato de que algo de novo sempre está acontecendo e assumindo suas três características: continuidade dinâmica, heterogeneidade e eficácia causal. O tempo dinâmico real é irreversível e sua passagem acarreta uma *evolução criativa*, ou seja, implica alterações imprevisíveis. O conceito de tempo real é fundamental para que se possa entender a natureza da ação humana: agindo, os indivíduos acumulam continuamente novas experiências, o que gera novos conhecimentos, o que, por sua vez, os leva a alterarem frequentemente seus planos e ações.

E o terceiro elemento da tríade básica da Escola Austríaca de Economia é o tratamento epistemológico do fato – indiscutível – de que o *conhecimento humano* contém sempre componentes de indeterminação e de imprevisibilidade, o que faz com que todas as ações humanas produzam efeitos involuntários e que não podem ser calculados *a priori*. Existem, para os *austríacos*, limites inescapáveis à capacidade da mente humana que a impedem de compreender integralmente a complexidade dos fenômenos sociais e econômicos. Os sistemas formais possuem certas regras de funcionamento e de conduta que não podem ser previamente determinadas. É como escreveu José Ortega y Gasset (1883-1955): “o olho não se vê a si mesmo”²⁶.

Como não é possível quantificar todo o nosso conhecimento, a Escola Austríaca não analisa os mercados como estados de equilíbrio, mas como processos de descoberta e articulação de conhecimentos que, normalmente, na economia do mundo real, permanecem calados, silenciosos, escondidos, espalhados e desarticulados, à espera da inteligência humana subjetiva exatamente para despertá-los, exibí-los, organizá-los e articulá-los. Esta terceira hipótese nucleica da Escola Austríaca, para diversos estudiosos de epistemologia, é a mais importante. No entanto prefiro considerá-la em pé de igualdade com as duas primeiras, por acreditar que assim procedendo fica mais fácil destacar as interações e a interdependência existentes entre as três.

Como mencionamos, a Escola Austríaca tem três elementos de propagação. O primeiro não é exclusivo dela. Trata-se do conceito ou doutrina da *utilidade marginal* que, como se sabe, foi a resposta correta, encontrada isoladamente, no ano de 1871, por três economistas, à denominada *questão do valor*, que vinha desafiando todos os que se interessaram pela ciência econômica, desde Santo Tomás de Aquino (1225-1274), ainda no século XIII. Cerca de seiscentos anos depois da *Suma Teológica* do Aquinate, Carl Menger, León Walras (1834-1910) e William Stanley Jevons (1835-1882), o primeiro em Viena, o segundo em Lausanne e o terceiro em Londres, perceberam que o valor de um bem ou serviço é determinado por sua *utilidade marginal* em cada momento do tempo, isto é, que o valor depende de uma combinação simultânea da utilidade com a escassez.

Embora o conceito tenha sido introduzido na teoria econômica pelos três, cada um deles o trabalhou individualmente segundo sua própria convicção: Menger adotou uma postura subjetivista, enquanto Walras (o precursor da chamada *escola de equilíbrio geral*) e Jevons (o pai da *escola de equilíbrio parcial*) dispensaram-lhe tratamento matemático, já que o conceito de unidades *marginais* ou adicio-

²⁶ ORTEGA Y GASSET, José. *Ideas y Creencias*. Madrid: Alianza Editorial, 1986. p. 151.

nais de bens e serviços encaixava-se perfeitamente no aparato do cálculo diferencial. Para os austríacos, o *princípio da utilidade marginal*, a ação, o tempo dinâmico e o subjetivismo são inseparáveis.

Como salientado anteriormente, a Escola Austríaca é interdisciplinar. Assim sendo e a partir de seu núcleo básico e de seus elementos de propagação, ela se estende, entre outros, aos campos da Filosofia Política e da Epistemologia. A Filosofia Política da Escola Austríaca deve ser vista como uma tentativa de compreender e explicar a história e as instituições sociais à luz dos limites naturais ao conhecimento humano. Como escreveu o filósofo italiano Raimondo Cubeddu, professor da Universidade de Pisa, “a história e as instituições sociais aparecem frequentemente como produtos das ações humanas individuais, voltadas para a consecução de fins subjetivos”²⁷. Portanto, Menger, Mises, Hayek e outros austríacos não foram apenas economistas que mergulharam no mundo da política, ou sonhadores de um mundo melhor de cunho utópico, mas pensadores que elaboraram uma *teoria do melhor regime* baseada em uma concepção da ação humana e da natureza da sociedade.

O segundo elemento de propagação é o *subjetivismo* que, na Escola Austríaca, não se limita à teoria subjetiva do valor ou à percepção de que as teorias que lidam com o campo humano seriam pessoais e, portanto, não sujeitas a testes, mas refere-se a uma pressuposição básica: a de que o conteúdo da mente humana – e, portanto, os processos de tomadas de decisão que caracterizam nossas escolhas ou *ações* – não são determinados rigidamente por eventos externos.

Assim, o *subjetivismo* enfatiza a criatividade e a autonomia das escolhas individuais e, por conta disso, subordina-se ao individualismo metodológico, à concepção de que os resultados do mercado podem ser explicados em termos dos atos de escolha individuais.

Para os austríacos a teoria econômica deve considerar prioritariamente o emaranhado de fatores que explicam as escolhas e não limitar-se a simples interações entre variáveis objetivas.

O *subjetivismo*, então, analisa a ação humana levando em conta que essa ação se dá sempre em condições de incerteza genuína, não mensurável, e, também, que ela necessariamente acontece ao longo do tempo dinâmico. Quando um agente escolhe um curso de ação, os resultados de sua escolha vão depender dos cursos de ações executadas e a serem potencialmente executadas por outros indivíduos. Prevalecendo a autonomia nas decisões individuais, isto quer dizer que o futuro não pode ser conhecido e nem aprendido.

E o terceiro elemento são as *ordens espontâneas*, aquelas classes intermediárias de fenômenos que são específicos da ciência da ação humana ou Praxeologia. São, por assim dizer, instituições que se situam entre o instinto e a razão, resultantes da ação humana, mas não da execução de qualquer desígnio humano. Com efeito, para os pensadores da Grécia antiga, existiam dois tipos de fenômenos, correspondentes aos termos – introduzidos pelos sofistas do século V a. C. – *physei*, que significa “por natureza” e *thesei*, que significa “por decisão deliberada”.

Para os austríacos, entretanto, essa dicotomia não é condizente com as ciências sociais. No dizer de Hayek: “alguma espécie de ordem aparece como resultado da ação individual, mas sem ser intencionada por qualquer indivíduo”²⁸. Exemplos característicos dessas ordens são o sistema monetário, os mercados, as manifestações culturais e a linguagem.

Como salienta o professor português José Manuel Moreira, da Universidade de Aveiro, em sua tese doutoral apresentada na Universidad Pontificia Comillas de Madrid, publicada em edição revista e abreviada pela

²⁷ CUBEDDU, Raimondo. *The Philosophy of the Austrian School*. London / New York: Routledge, 1993. p. X.

²⁸ HAYEK, F. A. *The Counter-Revolution of Science: Studies on the Abuse of Reason*. New York / London: Collier-Macmillan, 1964. p. 39.

Universidade do Porto, “o contraste é entre uma ordem espontânea ou auto-gerada ou endógena, e uma ordem construída ou exógena ou ordem artificial, ou mesmo uma organização, quando se trata de uma organização social dirigida”²⁹. Continua o Prof. Moreira:

Hayek, apesar da conotação autoritária que o próprio termo “ordem” tem, em especial para as pessoas que se negam a admitir uma ordem que não seja deliberadamente criada pelo homem, insiste em manter o termo “ordem”, ou melhor, “ordem espontânea” ou “kosmos” para definir o objeto das ciências sociais e que nascem da descoberta da existência de estruturas ordenadas que são o resultado da ação de muitos homens, embora não sejam o resultado do desígnio humano³⁰.

A economia do mundo real, desde que os homens descobriram que poderiam obter ganhos com o processo de trocas até os nossos dias é uma grande *ordem espontânea*, semelhante ao universo, em que há permanentemente forças em expansão e em contração, razão pela qual os austríacos costumam denominar a economia de mercado de *cataláctica* ou *cataláxia*.

Com base nessa tríade básica e nesses elementos de propagação, a Escola Austríaca estuda, então, a Filosofia Política, em que se destacam a crítica aos sistemas mistos, o conceito de evolução em ciências sociais, a democracia e divisão de poderes, a questão da contenção do poder e a crítica ao construtivismo; estuda a Epistemologia, com ênfase no individualismo metodológico, na distinção entre modelos e fatos em ciências sociais, nas próprias características dessas ciências e na crítica aos modelos matemáticos que pretendem fatos sociais; e, por fim, naturalmente,

na própria Economia, cujos objetos principais dos estudos têm sido a visão dos mercados como processos dinâmicos, a importância da função empresarial ou empreendedorismo, o debate sobre o cálculo econômico, a teoria monetária, a teoria do capital e a teoria dos ciclos econômicos.

Os grandes economistas *austríacos* do século XX – cujos nomes mais conhecidos foram Mises e Hayek – mesmo tendo vivido em uma época em que seus colegas faziam questão de se tornarem cada vez mais especializados em áreas crescentemente mais restritas da economia, não permitiram, em nenhum momento, que o modismo os fizesse abrir mão de serem generalistas, não no sentido mais vulgar que essa palavra vem adquirindo ultimamente, mas no de valorizarem a vasta cultura e o humanismo.

Sem dúvida, a importância e o renascimento dos estudos sobre a Escola Austríaca é uma nova tendência internacional, nas áreas de Filosofia, Economia, Epistemologia, Política, Direito, Sociologia e Antropologia, bem como nas demais áreas em que se manifesta o princípio universal da Praxeologia ou estudo da ação humana, definida como as escolhas voluntárias individuais que visam a passar de estados considerados insatisfatórios ou pouco satisfatórios para outros, tidos no momento das escolhas como satisfatórios, ou mais satisfatórios do que os presentes. Pode-se resumir esse processo – que, a rigor, nada mais é do que o conjunto de decisões tomadas diariamente por milhões, bilhões de agentes, como o de “ação humana ao longo do tempo em condições de incerteza genuína”³¹. Como tais escolhas não dependem apenas de fatores econômicos objetivos, mas também de muitos outros de natureza subjetiva, uma das características da Escola Austríaca, ao lado da interdisciplinaridade, como já se ressaltou, é o subjetivismo.

MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia manifesta, desde este primeiro número, seu compromisso estrita-

²⁹ MOREIRA, José Manuel. *Filosofia e Metodologia da Economia em F. A. Hayek*. Porto: Universidade do Porto, 1994. p. 187.

³⁰ *Ibidem*, p. 187.

³¹ IORIO. *Ação, Tempo e Conhecimento*. p. 20.

mente acadêmico, pretendendo ser um espaço de formação, de informação e de debate de ideias. Sendo assim, veiculará, além de textos clássicos dos grandes nomes da tradição *austríaca*, nunca publicados anteriormente em português, a produção contemporânea de pensadores do Brasil e do exterior que, como dissemos linhas atrás, vem crescendo de maneira sólida e consistente ao longo dos últimos anos.

MISES: Revista
Interdisciplinar de Filosofia,
Direito e Economia
manifesta, desde este
primeiro número, seu
compromisso estritamente
acadêmico, pretendendo
ser um espaço de
formação, de informação e
de debate de ideias.

Por se tratar de uma escola de pensamento marcadamente interdisciplinar, o diálogo com outras disciplinas, bem como com as outras correntes da ciência econômica torna-se algo natural e será uma das características da revista, que será, assim, além da primeira publicação referendada na Escola Austríaca, um periódico aberto permanentemente ao debate intelectual de alto nível, publicando até mesmo críticas ao pensamento austríaco.

Mesmo sendo considerada uma corrente da Economia, a *Escola Austríaca* não se limita a estudar os problemas econômicos isoladamente, como as demais escolas o fazem. No mundo real, aquele que não está nos livros, não existe o *homo aeconomicus*, mas sim o *homo*

agens, cujas escolhas são também influenciadas por fatores filosóficos, legais, institucionais, psicológicos, antropológicos, políticos, etc. O leitor notará a cada número da revista *MISES* essa cadeia interdisciplinar que caracteriza a tradição *austríaca* e que será uma das características mais fortes deste periódico.

Cada uma das duas edições anuais regulares do periódico deverá conter artigos agrupados em cinco seções distintas: 1ª) *Epistemologia e Ética*, 2ª) *Economia e Praxeologia*, 3ª) *História do Pensamento Econômico*, 4ª) *Sociedade, Legislação e Política*; 5ª) *Crítica Cultural*. Parece claro que não é necessário discorrer extensivamente sobre a importância de cada uma dessas áreas dentro do pensamento austríaco. Distribuídos nessas cinco seções, este primeiro número enfeixa dezessete artigos.

A compreensão da visão de mundo da Escola Austríaca é caudatária do entendimento filosófico da Epistemologia e da Ética, temas abordados nos três artigos da primeira seção da revista. No primeiro artigo, Ludwig von Mises discute a Epistemologia relacionando-a ao conceito de Ação e mostrando sua relevância para a Economia. Gabriel Zanotti ressalta um impasse epistemológico criado por não se levar até as últimas consequências hermenêuticas o próprio subjetivismo, propondo a retomada desse caminho, fundamentando, dessa forma, novamente, nos elementos hermenêuticos que se encontravam em Mises e Hayek. Jesús Huerta de Soto critica o consequencialismo nas relações sociais e procura justificar o que seria uma ética voltada para a liberdade, além de desenvolver a importante contribuição do trabalho de Israel Kirzner nesse campo.

A relação entre Economia e Praxeologia é de grande relevância para a Escola Austríaca por definir o conceito de ação humana e possibilitar a integração da Economia com outros ramos do conhecimento. Dedicada a essa temática, a segunda seção da revista apresenta alguns tópicos do debate econômico desenvolvido pela Escola Austríaca em cinco artigos. No primeiro artigo dessa seção, também de au-

toria de Ludwig von Mises, é discutido o conceito de atividade econômica e se argumenta que a racionalidade é elemento indispensável para a ação humana no mundo real, além de se mostrar a inviabilidade do cálculo econômico sob o socialismo e se esclarecer o conceito de “econômico”. Roderick T. Long mostra como a abstração é entendida na tradição aristotélica e usa a compreensão de Aristóteles (384-322 a.C.) sobre o tema para mostrar como o argumento de Milton Friedman pró-irrealismo é confuso, demonstrando, ainda, que tal crítica aristotélica ao pensamento friedmaniano está implícita na obra de Mises, apresentando a existência de um uso austríaco legítimo para modelos irrealistas, que não é o uso que Friedman imagina, para, por fim, explicar como a crítica austro-aristotélica ao pensamento friedmaniano contribui para a controvérsia e para os debates austríacos sobre apriorismo metodológico. Fabio Barbieri faz um estudo do desenvolvimento da teoria austríaca do intervencionismo, em que, depois de examinar a crítica original de Mises ao intervencionismo, analisa a construção da moderna teoria austríaca dos ciclos intervencionistas, que procura explicar os movimentos de expansão e contração do Estado. Finalmente, na segunda seção, Leonidas Zelmanovitz argumenta que nem os atuais sistemas monetários de moedas nacionais fiduciárias e de curso legal forçado e nem qualquer variação do padrão-ouro são sistemas monetários ideais.

Ainda que os pensadores da Escola Austríaca tenham sido os responsáveis pelo descrédito da Escola Historicista Alemã de Economia, eles reconhecem que a História do Pensamento Econômico, apesar de não ser a principal fonte para o estudo da ação humana e da economia, é uma fonte inexaurível de conhecimentos para todos os que interessam pela Economia como ciência. A terceira seção, dedicada à História do Pensamento Econômico, apresenta, na presente edição, quatro textos. O primeiro artigo dessa seção, de autoria de Murray N. Rothbard, relata o pensamento da Igreja na Idade Média, focalizando sua atenção nos aspectos da usura, da cobrança

de juros e do “preço justo”, mostrando como esse pensamento foi evoluindo ao longo do tempo (este texto é a primeira parte de um ensaio, cuja segunda parte será publicada na segunda edição). Buscando resgatar o elo histórico entre a tradição proto-austríaca e o moderno pensamento austríaco, nosso periódico sempre publicará um documento histórico medieval ou moderno que contribua para o entendimento histórico do pensamento econômico. Tal missão no presente volume é executada por intermédio da publicação pela primeira vez em Português, em tradução direta do latim, de uma parte da *Suma dos Decretos*, escrita no século XII pelo canonista medieval Rufino de Bolonha, na qual comenta o *Decretum Gratiani*, parte importante do Direito Canônico que foi lei válida até 1917, abordando à luz da teologia moral diversos temas econômicos, tais como a propriedade, o lucro, os ganhos sem esforço e a usura. O terceiro artigo da seção, de autoria de Itamar Flávio da Silveira e de Suelem Halim Nardo de Carvalho, relata como José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, tratou a questão da industrialização nacional sob a ótica da Economia Política Clássica. Por fim, Joseph Salerno mostra como a Escola Austríaca se desenvolveu desde Menger até os dias atuais, analisa as divergências existentes entre os economistas austríacos e como a Escola Austríaca renasceu a partir dos trabalhos e da tenacidade de Murray N. Rothbard.

As integrações e inserções da Economia com o Direito e com a Ciência Política são fatores de grande importância para os pensadores austríacos, por compreenderem que a economia do mundo real é “ação humana ao longo do tempo em condições de incerteza genuína”, sendo influenciada e influenciando, assim, os diferentes aspectos jurídicos e políticos das sociedades nas quais os indivíduos vivem. A quarta seção da revista é dedicada ao tema Sociedade, Legislação e Política. Na presente edição apresentamos quatro artigos sobre a temática. O primeiro de seção, escrito por Friedrich Hayek, discute que tipo de conhecimento deve ser utilizado nas ciências sociais,

especialmente na Economia e mostra que no mundo real o dito “conhecimento científico” falha na coordenação da atividade econômica e que o conhecimento “prático”, ou das circunstâncias de tempo e espaço, é que é relevante nas decisões dos agentes econômicos. No segundo texto da seção, Murray Rothbard discute quais devem ser as posições dos libertários em relação à defesa das liberdades individuais, às guerras, à intervenção de Estados em outros Estados e critica as guerras que exterminam inocentes, mostrando a total incompatibilidade entre o libertarianismo e as guerras. A partir da “curva de Laffer” e de outros exemplos econômicos e sociais, no terceiro artigo da seção, Walter E. Block discute as implicações do Princípio da Não Agressão (PNA) do libertarianismo, à luz de exemplos hipotéticos e mostra que tal princípio não é universal e nem fácil de analisar e aplicar. Finalmente, o artigo de Bruno Garschagen discute, sob a perspectiva da Escola Austríaca, de que forma e por que a União Soviética e a Alemanha Nazista conduziram suas sociedades para a barbárie ao violarem sistematicamente os direitos de propriedade e provocarem uma elevada taxa de preferência temporal, impedindo com suas políticas econômicas a moderação dessa preferência, que tornaria possível o processo civilizacional.

As sociedades são compostas por três grandes sistemas: o econômico, o político e o moral-cultural. Cada um desses sistemas possuem ritmos diferentes de evolução e seguem normas distintas, sendo dotados de instituições especiais, bem como, de métodos, disciplinas, padrões, propósitos, limites, atrações e repulsões distintos; contudo, há uma contínua interação entre esses três sistemas, fator que reforça a advertência de F. A. Hayek, em seu discurso na ocasião em que foi laureado com o Nobel de Economia, afirmando que um economista que só enxerga dentro dos limites estritos da teoria econômica, por mais apurados que sejam seus conhecimentos técnicos, nunca será um economista completo. Com o objetivo de ampliar o campo de visão dos estudiosos da Escola Austríaca a quinta seção

de nosso periódico sempre veiculará ensaios de Crítica Cultural. Na presente edição incluímos dois artigos sobre temas culturais. No primeiro, Jeffrey A. Tucker e Llewellyn H. Rockwell Jr. descrevem o pensamento cultural de Ludwig von Mises em suas diversas nuances, abrangendo as concepções do notório economista austríaco sobre igualdade e desigualdade, sexualidade, casamento e amor-livre, feminismo, raça e etnia, multiculturalismo, literatura e artes. Por fim, Alex Catharino analisa a questão da Liberdade na saga *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien (1892-1973), tanto no plano filosófico quanto nos aspectos praxeológicos, a partir do conceito de Imaginação Moral de Russell Kirk (1918-1994) e segundo algumas perspectivas teóricas da Escola Austríaca de Economia, principalmente na perspectiva de Ludwig von Mises, enfatizando, também, as principais características da obra literária tolkieniana.

As resenhas de livros de autores brasileiros que atualmente se dedicam ao estudo do pensamento austríaco em nosso país completam este primeiro número da revista.

Como Diretor Acadêmico do Instituto Mises Brasil e como Editor responsável desse novo periódico acadêmico, é com grande satisfação – e também grande esperança intelectual – que apresento este primeiro número de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. Espero que o leitor goste do material desta edição inicial e que a revista venha a ser uma referência não apenas no que se refere a seu pioneirismo em termos de ser a primeira especializada na *Escola Austríaca* em língua portuguesa, mas, principalmente, como veículo acadêmico interdisciplinar de altíssimo nível e como um espaço permanente aberto ao debate de ideias. ∞